

ELABORAÇÃO DO PASSADO PELA NARRAÇÃO: ANÁLISE DE “OBSERVAÇÕES DE UMA CIDADÃ” DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH¹

WORKING THROUGH THE PAST WITH STORYTELLING: ANALYSIS OF SVETLANA
ALEXIEVICH'S "NOTES FROM AN EVERYWOMAN"

Alana Destri²

Renata Coelho Marchezan³

RESUMO: De acordo com a estudiosa Jeanne Marie Gagnebin (2006), Walter Benjamin e Theodor Adorno tiveram papel de destaque no avanço do estudo da memória em diversos campos do conhecimento. Dada sua importância, a memória está longe de ser apenas um objeto de estudo. Abordá-la a partir dos escritos desses pensadores, é também uma tarefa ética. Na esteira da reflexão sobre o passado a fim de resgatar o ser humano e humanizar a história, destaca-se a obra da jornalista bielorrussa Svetlana Aleksiévitch. A autora dialogou com testemunhas da derrocada da União Soviética e reuniu os relatos em sua obra *O fim do homem soviético*. Um dos relatos, separado dos outros, o último capítulo, intitulado "Observações de uma cidadã", mostra-se relevante para evidenciar o conteúdo histórico sedimentado em diálogo com conceitos propostos por Adorno e Benjamin. A partir do contraponto entre o capítulo e o projeto de Svetlana Aleksiévitch, buscou-se, então, ressaltar a narração como ferramenta importante no processo de elaboração do passado.

Palavras-chave: Memória; narração; elaboração do passado; Adorno; Benjamin.

ABSTRACT: According to the scholar Jeanne Marie Gagnebin (2006), Walter Benjamin and Theodor Adorno played an important role in the memory study progress in several fields of knowledge. Given its importance, memory is far from being just an object of study. Approaching it from the writings of these thinkers is also an ethical task. In the wake of reflection on the past in order to rescue the human being and humanize history, the work of Belarusian journalist Svetlana Alexievich stands out. The author spoke with the Soviet Union collapse witnesses and gathered these stories in her work *Secondhand-Time: The Last of The Soviets*. One of the stories, separated from the others as the last chapter, entitled "Notes from an Everywoman", is relevant to highlight its historical content in dialogue with concepts proposed by Adorno and Benjamin. Based on the counterpoint between the chapter and the Svetlana Alexievich's project, we sought to emphasize storytelling as an important tool in the process of

1 Este artigo foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Bolsista CNPq.

3 Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutorado, pela University of Sheffield Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista - UNESP.

working through the past.

Keywords: Memory; storytelling; working through the past; Adorno; Benjamin.

1 Introdução

Os pensadores pertencentes à Teoria Crítica buscam, primeiramente, apontar as tendências de desenvolvimento histórico do presente, levando sempre em consideração a perspectiva de emancipação. Opondo-se à teoria tradicional, “‘crítica’ significa, antes de mais nada, dizer o que é em vista do que ainda não é mas pode ser” (NOBRE, 2004, pp. 10-11). Seus diagnósticos e prognósticos são desenvolvidos a partir de situações históricas concretas e a partir de tendências observadas nas estruturas do modelo de organização social vigente. Com isso, refletem sobre as potencialidades e obstáculos para a emancipação, bem como apontam ações para superar esses entraves. Nessa esteira, os pensadores dessa abordagem aproximam a teoria da prática, evidenciando o caráter transformador de suas teses.

Walter Benjamin e Theodor Adorno, cada um a seu modo, filiam-se à Teoria Crítica. Eram amigos próximos e têm seus pontos de influência, embora tenham divergido em muitos aspectos. Portanto, é relevante para este artigo remarcar que seus pensamentos se aproximam na rejeição a como a história vinha sendo abordada e escrita (THOMPSON, 2006).

As teses sobre o conceito de história de Benjamin foram escritas na conjuntura do Pacto de Não Agressão de 1939 entre Stalin e Hitler. O ensaísta critica a concepção de tempo ventilado na historiografia progressiva e na burguesa para abrir espaço a um novo conceito, forjado pelo viés materialista. Acusa as historiografias criticadas de apoiarem-se em um tempo cronológico linear, de abordarem o tempo como forma homogênea e vazia. O historiador materialista, portanto, deveria rejeitar uma imagem eterna e estática do passado para buscar, então, construir uma experiência com ele. Nessa nova abordagem, o historiador veria o tempo em seu caráter intenso e breve além de ser “capaz de identificar no passado os germes de uma outra história, capaz de levar em consideração os sofrimentos acumulados e de dar uma nova face às esperanças frustradas [...]” (GAGNEBIN, 1985, p. 8).

Uma das produções de Benjamin que dialoga com a história é “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1936). Aqui, destacam-se suas ideias acerca de narração que envelopam o conceito de história para refletir criticamente sobre sua importância social e sua decadência contemporânea.

De forma semelhante, os textos de Adorno provocam o movimento de repensar elementos que são tomados como garantidos e estimula o questionamento da própria possibilidade da filosofia, arte e moral no cenário corrente. No centro de seu trabalho está o desnudar de elementos do mundo ao passo que marca como ambivalente a chance de verdadeira liberdade na atualidade de seu tempo (THOMPSON, 2006).

Também em resposta ao severo período do nazismo e, principalmente, voltando-se para como deveria ser a rememoração no pós-guerra alemão, Adorno publica em 1963 “O que significa elaborar o passado”. A Alemanha, em vias de reconstrução, deveria envolver a elaboração do passado, enfocando o período nazista sem fantasias. Para o autor, tentar o simples apagamento de tal evento resultaria em uma fragilidade que exporia o país a novas

ondas de movimentos semelhantes.

Embora Adorno tenha tratado de forma específica sobre o passado nazista, não seria um desperdício não ampliar essa discussão para outras situações (THOMPSON, 2006). A jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch não sofreu diretamente o jugo do nazismo, mas viveu sob o stalinismo e experienciou de perto grandes eventos que muitos gostariam de esquecer.

A ganhadora do Prêmio Nobel dedicou 20 anos de sua vida à coletânea “Vozes da Utopia” que conta com cinco publicações: *A guerra não tem rosto de mulher* (2016a [1985]), *As últimas testemunhas* (2018 [1985]), *Meninos de zinco* (2020 [1991]), *Vozes de Tchernóbil* (2016c [1997]) e *O fim do homem soviético* (2016b, [2013]), todos publicados no Brasil pela editora Companhia das Letras. Para a produção dessas obras, dialogou com e transcreveu relatos orais de aproximadamente 3.000 pessoas enfocando, principalmente, os seguintes eventos: o desastre nuclear de Tchernóbil, a Segunda Guerra Mundial, o fim da União Soviética e a guerra soviético-afegã (ALEXIEVICH, 2020).

Seu movimento em torno da história é compatível com as ideias de Benjamin e Adorno. Ambos os autores contribuíram para que a memória, em diversos campos do saber, fosse considerada não apenas como objeto de estudo, mas elevada a ser também tarefa ética. “Nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens” (GAGNEBIN, 2006, p. 97).

Como se aceitasse essa tarefa ética, Aleksievitch buscou, gravou e transcreveu os relatos deslocando a narrativa oficial “eternizada” pelos livros de história. O que lhe interessava não era o relato objetivo e factual dos eventos, mas a história dos sentimentos humanos, na inconsistência da memória. Com isso, pretendeu trazer o passado à tona para que não sejam esquecidas as verdades que povoaram e povoam a complexa cadeia social do homem soviético-russo. As obras de Svetlana apresentam uma luta implícita pela emancipação ao tempo em que suas resistências são clarificadas.

Svetlana obteve reconhecimento internacional ao ser laureada pelo Prêmio Nobel da Literatura em 2015. As pessoas de seu país, a Bielorrússia, comemoraram, mas o ditador do país não. Aleksandr Lukashenko, não concorda com o projeto da jornalista. Para ele, a autora cobria o país com sujeira - o mesmo que Stalin disse a Ivan Bunin e B. L. Pasternak, outros laureados. Esses autores, assim como Svetlana, buscaram reavivar criticamente a memória social da Rússia (TAG, 2018).

Em entrevista, a autora reforça que o objetivo de sua longa e trabalhosa jornada de elencar os mais variados relatos orais não é simplesmente explicar o presente por meio do passado. Seu objetivo é a transformação:

Minha tarefa é extrair-las [as pessoas comuns] da escuridão, do desaparecimento. Eu lido com uma mentira dupla: com a mentira do totalitarismo e com a mentira da história como ciência que limpa a vida até chegar aos parágrafos sem paixão das apostilas de história. Minha vontade é humanizar a história (TAG, 2018)

Seu livro mais pessoal é *O fim do homem soviético* (2016b), o qual inicia com um sensível capítulo autobiográfico intitulado “Observações de uma cúmplice” e o termina, em tom de contraste, com um relato anônimo de uma mulher, isolado no capítulo final “Observações de uma cidadã”. O contraste evidencia-se justamente pela maneira como as duas mulheres lidam

com a história - a própria e a coletiva.

Em razão da relevância da obra de Aleksiévitich, do conteúdo histórico que sedimenta e do modo como o faz, este trabalho propõe-se a analisar “Observações de uma cidadã” em contraponto com o projeto humanizador das obras da autora, sob a lente de reflexões de Adorno e Benjamin, das quais se destaca a noção benjaminiana de narração, como ferramenta importante do processo de elaboração do passado em termos adornianos.

2 Elaboração do passado pela narração

Em “O narrador”, Walter Benjamin aproveita a obra do escritor russo Nikolai Leskov como plataforma para a discussão sobre a decadência da narrativa e do ato de narrar em contexto de avanço capitalista. Denuncia que “a experiência da arte de narrar está em vias de extinção” (BENJAMIN, 1985b, p. 197) e, como evidência, está a crescente dificuldade entre membros de uma comunidade de desenvolver um satisfatório intercâmbio de experiências. Esta experiência (*Erfahrung*) não se confunde com a simples vivência, experiência vivida (*Erlebnis*): ambas são *experiências*, mas a segunda liga-se especialmente à conjuntura capitalista moderna, em que o homem solitário não consegue tecer uma relação transmissível com o passado (GAGNEBIN, 2006).

Experiência é o cerne da narração e, segundo Benjamin, a grande importância da narrativa só pode ser compreendida historicamente se analisadas duas figuras de narrador: o “marinheiro comerciante” e o “camponês sedentário”. Ambas representam duas poderosas e distintas linhas de narrativa. O “marinheiro comerciante” representa o imaginário de que o narrador é alguém que viajou muito e experienciou o exótico, alguém que tem muito o que contar. O “camponês sedentário”, por sua vez, representa a linha em que se imagina o narrador como alguém sábio que, por ter permanecido em sua comunidade, conhece-a profundamente em toda sua gama de histórias e tradições. A construção histórica de narrativas aconteceria de forma mais rica no intercâmbio entre pessoas que narravam como “camponeses” e como “marinheiros”.

Nessa amálgama, a natureza da verdadeira narrativa transparece: de forma clara ou não, a narrativa sempre possui dimensão utilitária. Possui embutido algum conselho, algum ensinamento moral. Dar um conselho é sugerir uma continuidade na história em narração. E o conselho, por sua vez, firma-se na sabedoria - elemento também em extinção. Com o longo fio de evolução das formas produtivas, a narrativa vem sendo enfraquecida e expulsa da esfera do discurso vivo.

Benjamin aponta para surgimento do romance como um indício do declínio da narrativa. Afirma também que, por estar vinculado ao livro, o romance clássico difere do que ele chama de narrativa. Além disso, o romance clássico também difere de outros gêneros de prosa porque não nasce da tradição oral nem a revigora. Como já dito, a narração tem a experiência como elemento basilar - sendo ela própria de um eu ou transmitida por outro. Na visão de Benjamin, o romancista é isolado.

A narrativa lentamente começou a parecer arcaica diante do surgimento desse e de outros gêneros da prosa. A consolidação da burguesia e seus instrumentos midiáticos, combinados com o modo de produção capitalista, tem espaço de destaque na aceleração do declínio da narrativa. Os gêneros informativos surgem como algo ainda mais ameaçador que o romance. Na informação, o fato é exposto ao lado da explicação. A corrente de notícias precisa

ser clara por si só e apenas possui valor enquanto é nova. Nada disso está a serviço da narrativa (BENJAMIN, 1985b).

Em contraste, o objeto da narrativa embebe-se da vida do narrador: enriquece com o fato de não pretender neutralidade. Além disso, uma boa narrativa se mantém viva e relevante ao longo do tempo, sempre com potencial de renovar-se. Inclusive, reconhece-se um grande narrador ao vê-lo manusear e operar os fatos de sua vida - e a dos outros - com desenvoltura. A vida humana é sua matéria e, de forma artesanal, ele a transforma em algo material, útil e único (BENJAMIN, 1985b).

O pensador ressalta que um dos objetos mais férteis para narrativa é a morte. No entanto, vê-se que ela não ronda a consciência coletiva como rondava tempos atrás. Essa temática perdeu forças com as instituições e sentidos produzidos pela sociedade burguesa. O espetáculo público da morte, que durava muitas vezes meses em ambiente familiar, agora é asséptico e privativo das instituições higiênicas.

É no momento da morte, em especial, que a experiência de vida se torna transmissível. "O inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor" (BENJAMIN, 1985b, p. 208). As histórias do narrador, autorizadas e ressaltadas pela morte, remetem à história natural, ao ciclo da vida.

Theodor Adorno (1995) também versa sobre o movimento de abordar experiências passadas como elemento importante da vida em sociedade. A narração de Benjamin, inclusive, mostra-se como potencial ferramenta daquilo que Adorno chama de "elaboração do passado". A elaboração do passado, em contrapartida, parece ser uma alternativa contra a pobreza de experiência que mina a narração. Para Benjamin (1985a), essa pobreza mantém o sujeito desvinculado do patrimônio cultural, acomoda-o a se contentar e construir com pouco, empurra-o para frente. A pobreza de experiência tolhe a aspiração de novas experiências, o sujeito pobre deseja, com efeito, libertar-se delas.

Em seu texto "O que significa elaborar o passado", Adorno destaca que elaborar o passado não significa encerrá-lo, bloqueando sua memória. Tudo esquecer sobre os erros e perdoar seus agentes, a despeito das vítimas, é normalmente ideia impulsionada por quem aprovou ou aprova os erros. Como Benjamin, Adorno escreve em resposta ao cenário nazista recém-vivido. O nazismo aqui é entendido como um passado do qual muitos querem se libertar. Por mais que seja compreensível esse desejo, já que "não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência" (ADORNO, 1995, p. 29), é preciso encarar o fato de que o passado se mantém vivíssimo e o nazismo perdura.

O autor observa que, mesmo entre as vítimas, a memória de momentos impactantes e dolorosos é costumeiramente evocada com o auxílio de descrições eufemistas, suavizadas. Também não é incomum o exagero das atrocidades funcionarem como justificativa para o próprio exagero: o pensamento que segue é que algo tão grande só pode ter acontecido porque a vítima, de fato, deve ter feito algo que deu motivo para tanto. O castigo real justifica-se, assim, pelo deslumbramento do passado, por um motivo ou culpa que nunca existiu.

A idiotice, como diz Adorno, desse movimento parte justamente da falta de elaboração do passado. As experiências do passado, para vítima e algoz, são feridas não trabalhadas psiquicamente. A culpa em uma situação como essa pode falsamente adquirir um *status* inocente de algo que existe só na imaginação de quem escolhe se ocupar do passado em vez de se ocupar "realisticamente" com o prático e o presente.

Destruir a memória é destruir com ela a única coisa que quem sobrevive, impotente, pode fazer pelos mortos: lembrar. Mesmo assim, há um crescente fenômeno de o sujeito alemão evitar o assunto. Concordando com Hermann Heimpel, Adorno aponta para a fraqueza social do desaparecimento da consciência da continuidade histórica da Alemanha.

Ademais, o destino de vínculos políticos feitos pela pátria também pode constituir uma relação de culpa. Muitos tiveram uma boa vida durante o nazismo, muitos também foram insuflados pelo orgulho nacional - narcisismo coletivo que sofreu o impacto do fim do regime nazista. Sem o processamento individual dessas experiências, a identificação com o nazismo pode ainda sobreviver inconscientemente (ADORNO, 1995).

Uma humanidade sem memória é uma imagem que se põe de acordo com o avanço dos princípios burgueses. Em um mundo em que impera a lei da troca, a matemática não precisa do momento temporal. O tempo industrial, em círculos idênticos, caminha para a rejeição do tempo concreto da experiência acumulada. Nessa esteira, tempo, memória e lembrança são restos irracionais a serem descartados. O sujeito, em momento em que definha na tentativa de adaptar-se, responderia apenas tangenciando o passado (ADORNO, 1995).

Nesse cenário, a democracia não evoluiu a ponto de fazer o sujeito compreender-se como situado, participante dos processos políticos. Ela ainda não é vista pela maioria das pessoas como uma expressão da emancipação, próxima à identidade do sujeito em comunidade. "Na linguagem da filosofia poderíamos dizer que na estranheza do povo em relação à democracia se reflete a alienação da sociedade em relação a si mesma." (ADORNO, 1995, p. 36). A possibilidade de emancipação se distancia quando se vê que as energias dos sujeitos se dispõem em conformidade com situações sob as quais são impotentes:

Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam seu próprio eu. (ADORNO, 1995, p. 43)

Elaborar o passado é clareá-lo, trabalhá-lo com seriedade a ponto de retirar dele seu encantamento. Desatar-se das teias do deslumbramento é um processo penoso de conhecimento. É mais fácil, de fato, deixar-se levar pelo *eu* coletivo em vez de assumir algum compromisso e buscar a autonomia que é devida a si. Em frente a isso, é necessário atacar as causas que geraram tais eventos passados. Quando eliminadas, só assim o passado estará suficientemente elaborado (ADORNO, 1995).

Uma das formas de elaborar o passado, concordaria Adorno, é por meio de boas narrativas. Toda narração do passado está prenhe de comparação crítica com o presente. Nessa troca de experiências útil e solidificadora de laços sociais, revive-se o passado. O passado revivido na narrativa, sempre de forma única e fértil, direciona uma luta contra um mundo sem memória, contra uma narrativa central e privilegiada a serviço de uma "aspepsia" histórica do que é ser (e poder vir a ser) humano. Pois não basta noticiar e escrever romances em moldes clássicos sobre o acontecido. É preciso assumir a posição social de narrador (e ouvinte) das histórias íntimas, do homem comum.

Como se defende a seguir, Svetlana Aleksievitch, em sua jornada dialógica, revigora a tradição oral e garante a sobrevivência da memória russo-soviética ao sedimentá-la em suas obras.

3 Consequências de ser *cidadão*, mas não *cúmplice*

O que Svetlana Aleksievitch faz na coletânea “Vozes da Utopia”, e em especial em *O fim do homem soviético* é justamente elaborar o passado por meio da narrativa de experiências múltiplas de pessoas simples, cada uma com sua verdade sobre o presente, o passado e o futuro. Para cada livro, organiza entrevistas feitas com 500 a 600 indivíduos. Cada uma dessas entrevistas desenrola-se por horas como uma longa conversa amigável. Boa ouvinte, a partir da reunião dessas narrativas gravadas, a autora compõe o que chama, em entrevista, de *romance de vozes* (TAG, 2018). Ele abriga o tipo de memória que não é suportada pela grande narrativa, que não é fundamentada nos jornais, que acabam não se perpetuando nos livros de história.

Seu passado evidencia uma forte herança de valorização da narração. A jornalista conta que nasceu em uma família em que até a quarta geração todos eram professores rurais. Svetlana tinha, então, à mão um bom repertório de livros, mas não era nos livros que encontrava as narrativas mais poderosas. No contexto bielorrusso, os professores desempenhavam um papel único na comunidade: o de estabelecer o vínculo com a grande cultura nas pequenas aldeias, o que favorecia o desenvolvimento de uma mescla apurada entre "marinheiro comerciante" e "camponês sedentário". No pós-guerra, Svetlana via nas narrativas vigorosas de mulheres jovens e velhas acerca da guerra algo muito mais autêntico do que o “[...] trabalhado pela fantasia alheia” (TAG, 2018). O tom dessas conversas acompanhou a jornalista durante sua vida inteira, no ofício e nas suas viagens em busca de memórias.

Na entrevista, já mencionada, Aleksievitch também contrapõe lembrança e literatura ao remarcar seu projeto de vida:

Dizem-me que as lembranças não são nem história nem literatura. São simplesmente a vida suja e não purificada pela mão do artista. A matéria prima da fala. Mas para mim é tudo o contrário... É justamente lá, na voz humana viva, na representação viva da realidade, que está oculto o mistério de nossa presença aqui, lá fica descoberta a tragicidade insuperável da vida. Seu caos e paixão. Sua unicidade e incompreensibilidade. (TAG, 2018)

A testemunha dos tempos é seu personagem principal, sobretudo no nostálgico *O fim do homem soviético*. Muitos narradores do livro mostram, como é de se esperar, dificuldades ao elaborar um passado doloroso ou a aceitar a morte do passado que conheciam em face de uma atualidade estranha, de um capitalismo que obriga o esquecimento. No entanto, o último capítulo da obra, “Observações de uma cidadã”, destoa dos outros no destaque da dificuldade de elaborar o passado. Ele é composto de apenas um relato, rápido e melancólico, que oferece uma alternativa para o leitor. Seu título é “Observações de uma cidadã” em contraponto com o primeiro capítulo do livro “Observações de uma cúmplice”.

“Observações de uma cúmplice” é o único momento do livro em que, com uma narradora em primeira pessoa do singular, a autora parece se projetar, mais diretamente, na obra. Constitui-se, assim, uma narrativa de feitiço autobiográfico, que posiciona o eu na coletividade do homem soviético. Assim como muitos, a narradora viveu - e sofreu - o momento político com intensidade e vê seu passado com uma importância irreversível. O fim da URSS significou, portanto, um grande impacto não apenas político, mas também na sua própria

identidade. Com as diversas tonalidades de relatos de seus vizinhos de passado, consegue, então, delinear melhor a própria história como “cúmplice” do regime.

Diferentemente, a alternativa apresentada por “Observações de uma cidadã” é, justamente, não se embeber de passado e nostalgia como a narradora do primeiro capítulo - ou, pelo menos, evitar sua elaboração. A pacata senhora de 60 anos relata, mas não “narra”: dança entre assuntos, minimiza a importância do passado, evita, por fim, seu vínculo como cúmplice da URSS. Observe o primeiro trecho:

O que posso lembrar? Vivo como todo mundo. Teve a *perestroika*... O Gorbachóv... A carteira abriu a cancela: ‘Você ouviu, não tem mais comunistas’. ‘Como não?’ ‘Fecharam o Partido.’ Ninguém atirou, nada. Agora dizem que foi uma grande potência e que perdemos tudo. Mas o que foi que eu perdi? Do mesmo jeito que eu vivia na minha casinha sem qualquer comodidade - sem água, sem esgoto, sem gás - eu, continuo vivendo. Trabalhei honestamente a vida inteira. Dei duro, me acostumei a dar duro. E sempre recebi meu dinheiro. Eu antes comia macarrão e batata, e agora continuo comendo. Uso o meu casaco soviético surrado. E temos cada neve aqui! (ALEKSIÉVITCH, 2016b, p. 593)

A senhora, interpelada pelas perguntas de Svetlana, parece, em “O que posso lembrar?”, não valorizar a importância do próprio passado ou, pelo menos, acredita que a narrativa dele não é digna de nota - parece ostentar pobreza de experiência como entende Benjamin. Ao dizer que vive como todo mundo, tenta justificar seu modo próprio de lidar com o presente e o passado como se fosse algo genérico de sua comunidade. “Todo mundo” pode ser uma tentativa de respaldo graças à inarticulação que sente na posição discursiva em que foi colocada por Aleksievitch.

A jornalista quer da senhora uma narração que una sua vida individual com a experiência coletiva do comunismo. Mas os elementos atrelados aos episódios políticos são ditos de maneira vaga “Teve a *perestroika*... O Gorbachóv...”. Também minimiza o peso histórico da URSS ao afirmar que sua vida se manteve a mesma e que não perdeu nada. Em situação precária, durante e após o fim da URSS, manifestar-se assim pode ser um sinal de decepção com o Partido. Agarra-se, portanto, no seu trabalho. Reforça que sua estabilidade é por conta de seu trabalho duro, sem influência do contexto sócio-histórico em que viveu e vive.

Com esse início, a senhora abstém-se de um posicionamento ativo como sujeito político, construtor na história. Ocupar-se majoritariamente do presente com o trabalho é seu posicionamento e, talvez, um dos fatores que dá ritmo ao seu apagamento da memória e sua dificuldade de narração. Tal discurso também marca a decisão de não elaborar o passado por achar que nada nele há para ser elaborado. Isso, inclusive, auxilia a fuga do tópico político no trecho subsequente:

A minha melhor lembrança é de quando eu me casei, nós nos amávamos muito! Eu me lembro da gente voltando do cartório, e o lilás florescendo. O lilás em flor! E nele os rouxinóis cantando, acredita... Lembro bem... Vivemos bem por uns anos, tivemos uma filha... Mas depois o Vadik caiu na bebida, a vodka acabou com ele. Era um homem jovem, quarenta e dois anos. E agora

eu vivo sozinha. Minha filha já cresceu, casou e foi embora. (ALEKSIÉVITCH, 2016b, p. 593)

O foco agora desloca-se dos acontecimentos sociopolíticos - esfera pública - para sua melhor lembrança, a do dia de seu casamento - na esfera privada. Em seu curto relato, esse é seu melhor momento de aproximação com o narrador de Benjamin. Também é o único momento em que aborda o passado com certo vínculo emotivo. Diz lembrar-se muito bem enquanto antes dizia não ter o que lembrar. De todo o modo, ainda atada à vivência (*Erlebnis*), não chega a interpretar esse evento nos termos de experiência (*Erfahrung*). Contenta-se com, apenas, a evocação emocionada. Outro ponto marcante do trecho é que a senhora não omite os fatos tristes que sucedem seu casamento feliz, mas os abrevia ao máximo de modo seco, informativo. Chega ao ponto de nem mesmo mencionar o nome da filha - filha que foi embora, a deixou sozinha. Novamente, é clara a sua inabilidade em elaborar um passado dificultoso, que a machuca. Prossegue:

No inverno, ficamos cobertos de neve, o vilarejo inteiro fica debaixo de neve: as casas, os carros. Às vezes os ônibus ficam semanas sem passar. E lá na capital? Daqui até Moscou são mil quilômetros. Vemos a vida moscovita pela televisão, como se fosse um filme. Conheço o Pútin e a Alla Pugatchova... de resto, ninguém... Os protestos, as manifestações... Mas aqui nós continuamos a viver como antes. Tanto no socialismo como no capitalismo. Para nós, 'brancos' e 'vermelhos' são a mesma coisa. Temos que esperar a primavera. Plantar as batatas... (*Longo silêncio*) (ALEKSIÉVITCH, 2016b, p. 594. Grifo da autora)

Nesse trecho a senhora dualiza seu vilarejo rural com a grande Moscou. Tenta desligar-se dela em geografia, “Daqui até Moscou são mil quilômetros”; em sentido, “Vemos a vida moscovita pela televisão, como se fosse um filme”; em comunhão social, “Conheço o Pútin e a Alla Pugatchova... de resto, ninguém...”; em posicionamento político “Para nós, ‘brancos’ e ‘vermelhos’ são a mesma coisa”. Novamente se posiciona como integrante de um grupo para validar suas ações perante a história: “Mas aqui nós continuamos a viver como antes”. O que, muito provavelmente, não é algo uniforme. A carteira, por exemplo, importou-se em divulgar a queda do partido, valorizou a história a ponto de ter motivos para tanto. O devaneio a leva para o trabalho novamente - “Plantar as batatas...” - e silencia. Em seu posicionamento, parece não restar nada para ser aproveitado como lição de seu passado. A vivência a impele, inerte, para frente.

Outro ponto digno de atenção é a atitude da mulher de olhar para a história de seu país, inclusive os protestos e manifestações que o constituiu, como se fossem filmes. O distanciamento delimitado por ela, em resposta a um presente hostil, mostra um olhar eufemista para tudo o que houve de grande e de atroz na vida russa e soviética.

Ao não fazer distinção entre socialismo e capitalismo, mostra-se resistente a refletir sobre a esfera política, o que mina, provavelmente, sua clareza sobre processos emancipatórios. Essa resistência acionada pelo declínio da narrativa em elaborar o passado, como diria Adorno, pode abrir caminho para que o passado repita sua faceta indesejável, seja em nível nacional ou no nível específico de sua vila rural. Não elaborar seu próprio passado também esteriliza suas conversas, a narração não é feita, sua vida é apagada.

O relato é finalizado assim, depois do longo silêncio:

Tenho sessenta anos... Não vou à igreja, mas preciso conversar um pouco com alguém. Conversar sobre outras coisas... De como não tenho vontade de envelhecer, não quero de jeito nenhum envelhecer. E que pena é ter que morrer. Você viu o meu lilás? Eu saio de madrugada, ele brilha. Eu fico parada olhando. Vou só ali pegar alguns e fazer um buquê para você... (ALEKSIÉVITCH, 2016b, p. 594)

Svetlana, a narradora do primeiro capítulo e essa senhora são mulheres de idade semelhante, mas bastante diferentes. A narradora declara-se “cúmplice”, a senhora do último capítulo é nomeada “cidadã”. Não poderia se considerar cúmplice, por convicção, se mantém alheia a toda trama histórica que a circunda. Tenta descolar-se do mundo social ao evitar a memória. Essa senhora não narra, nos termos de Benjamin, e é isso que a torna especialmente diferente da narração de Svetlana. No seu próprio texto e na sua jornada de diálogos, busca olhar para o passado fragmentado em suas minúcias para compreender o presente. Para ela, o passado tem valor e é na experiência humana que estão as respostas. Quer “humanizar a história”.

O lilás figura como um símbolo do quanto essa senhora precisa do passado. Parece se situar como objeto que a religa a seu passado bom. Diante do lilás, que observa durante a noite, quer suprimir o que foi ruim, talvez alargar o que foi bom. Tem orgulho dele, quer que ele seja levado por Svetlana - talvez como agradecimento pelo diálogo, talvez como um pedido de “não se esqueça de mim”.

Essa senhora diz que precisa conversar com alguém - não narrar. Quer “Conversar sobre outras coisas”, não quer elaborar seu passado como Svetlana a vinha incitando a fazer. Sente o fim da vida se aproximar e, mesmo sem estar consciente disso, precisa profundamente da narrativa. Precisa das experiências trocadas sobre envelhecimento, precisa das narrativas sobre a morte para preparar-se para ela. Engolfada pelo trabalho, seria considerada, por Benjamin, uma vítima do declínio da narração. Ela não precisa de conversa: precisa de narração. Mas situa-se em um momento histórico em que narrar é raro e não é capaz de fazê-lo em sua pobreza. Não restam experiências compartilháveis.

Alinhar-se ao último relato é inegavelmente tentador depois de se ler *O fim do homem soviético*, uma vasta história de conflitos múltiplos e, principalmente, de dor - seja por ter vivido na URSS ou por não poder viver mais. É mais fácil abandonar o passado, seguir em frente com o olhar embotado. No entanto, a dor continua existir e sua latência não pode ser apagada por tentativas sucessivas de esquecimento. Como agravante do cenário atual, o sujeito pode não ser mais capaz de narrar. A única saída, como pensa Adorno, como pensa Svetlana, é elaborar o passado. E, nesse caso, por meio da narração desse passado, se possível, encontrar a raiz do que promoveu o sofrimento para que, esse sim, seja mitigado no presente.

Referências

ADORNO, T. O que significa elaborar o passado. In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

- ALEKSIÉVITCH, S. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.
- ALEKSIÉVITCH, S. *As últimas testemunhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ALEKSIÉVITCH, S. *Meninos de zinco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- ALEKSIÉVITCH, S. *O fim do homem soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.
- ALEKSIÉVITCH, S. *Vozes de Tchernóbil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016c.
- ALEXIEVICH, S. *A search for eternal men: In lieu of biography*. [s.d.]. Disponível em: <http://alexievich.info/en/editions.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985a.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985b.
- GAGNEBIN, J. M. O que significa elaborar o passado?. In: *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GAGNEBIN, J. M. Walter Benjamin ou a história aberta. Prefácio. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- NOBRE, M. *A Teoria crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- TAG - EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS. *Entrevista: Svetlana Aleksievitch*. 2018. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/entrevista-svetlana-aleksievitch-tag-livros/>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- THOMPSON, A. *Adorno: a guide for the perplexed*. London-New York: Continuum, 2006.

Recebido em: 16/04/2021

Aceito em: 22/07/2021